

“A palavra existe, mas só à medida que é dita, como um *fiat* que sucede o vazio, o nada, o silêncio. Ao ser dita, a poesia instaura um sentido pela própria força de seu produzir-se enquanto verbo.”

Alfredo Bosi

Fica o dito por não dito

Ferreira Gullar

o poema
antes de ser escrito
não é em mim
mais que um aflito
silêncio
ante a página em branco

ou melhor
um rumor
branco
ou um grito
que estanco
já que
o poeta
que grita
erra
e como sabe
bom poeta (ou cabrito)
não berra

o poema
antes de escrito
antes de ser
é a possibilidade
do que não foi dito
do que está
por dizer

e que
por não ter sido dito
não tem ser
não é
senão
possibilidade de dizer

mas
dizer o quê?
dizer
olor de fruta
cheiro de jasmim?

mas
como dizê-lo
se a fala não tem cheiro?

por isso é que
dizê-lo
é não dizê-lo
embora o diga de algum modo
pois não calo

por isso que
embora sem dizê-lo
falo:
falo do cheiro
da fruta
do cheiro
do cabelo
do andar
do galo
no quintal

e os digo
sem dizê-los
bem ou mal

se a fruta
não cheira
no poema
nem do galo
nele
o cantar se ouve
pode o leitor
ouvir
(e ouve)
outro galo cantar
noutro quintal
que houve

(e que
se eu não dissesse
não ouviria
já que o poeta diz
o que o leitor
– se delirasse –
diria)

mas é que
antes de dizê-lo
não sabe
uma vez que o que é dito
não existia
e o que diz
pode ser que não diria

e
se dito não fosse
jamais se saberia

por isso
é correto dizer
que o poeta
não revela
o oculto:
inventa
cria
o que é dito
(o poema
que por um triz
não nasceria)

mas
porque o que ele disse
não existia
antes de dizê-lo
não o sabia

então ele disse
o que disse
sem saber o que dizia?
então ele o sabia sem dizer?
ou porque se já o soubesse
não o diria?

é que só o que não se sabe é poesia
assim

o poeta inventa
o que dizer
e que só
ao dizê-lo
vai saber

o que
precisava
dizer
ou poderia
pelo acaso dite
e a vida

provisoriamente
permite

Ferreira Gullar. "Fica o dito por não dito",
in: *Em alguma parte alguma*. Rio de Janeiro:
José Olympio, 2010, pp. 21-25.

José Ribamar Ferreira – São Luís do Maranhão (MA), 1930 –. Poeta, ensaísta e crítico de arte. Em 1949, publica seu primeiro livro de poemas, *Um pouco acima do chão*, mais tarde excluído de sua bibliografia. Vence o concurso literário do *Jornal das Letras*, do Rio de Janeiro, com o poema "O galo", em 1950, e no ano seguinte muda-se para a então capital do Brasil. Em 1954, publica *A luta corporal*, e se aproxima dos poetas Augusto de Campos (1931 –), Haroldo de Campos (1929 – 2003) e Décio Pignatari (1927 –), participando ativamente da primeira fase do movimento concretista até 1957, quando rompe com o grupo paulista. Dois anos depois, em 1959, publica o "Manifesto Neoconcreto" no *Jornal do Brasil*, assinado por vários artistas plásticos – entre eles, Lygia Pape (1927 – 2004), Franz Weissmann (1911 – 2005), Lygia Clark (1920 – 1988), Amilcar de Castro (1920 – 2002) – e pelo poeta Reynaldo Jardim (1926 –). A partir de 1961, participa do movimento de cultura popular, integrando o Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE). Participa da fundação do grupo Opinião de teatro, em 1964, e é preso pela ditadura militar em 1968. Após um período na clandestinidade, segue para o exílio em 1971. Em 1975, em Buenos Aires, lê o longo "Poema sujo" para um grupo de amigos liderados pelo poeta e compositor Vinicius de Moraes (1913 – 1980), que consegue a publicação do livro em 1976 e encabeça um movimento de intelectuais a favor de sua volta ao Brasil, o que ocorre no ano seguinte. Em 1980, é editada pela primeira vez a reunião de sua obra poética, no volume *Toda poesia*. Em 2010, recebe o prêmio Camões, conferido pelos governos de Portugal e do Brasil e publica *Em alguma parte alguma*, em que dá prosseguimento à reflexão poética sobre a existência. (Enciclopédia Itaú Cultural – Literatura brasileira. Disponível em <http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd_pagina=2690>.